



Helena Antipoff, seus pressupostos teórico- metodológicos e suas ações na educação dos "excepcionais" no Brasil

Helena Antipoff, her theoretical-methodological assumptions and her actions in the education of "exceptional children" in Brazil

Heulalia Charalo Rafante

Roseli Esquerdo Lopes

Universidade Federal de São Carlos
Brasil

Resumo

Trata-se de uma pesquisa histórica, baseada em fontes documentais e no estudo biográfico de Helena Antipoff, em que se procurou elementos que trouxessem para a história da psicologia e da educação uma contribuição sobre quem foi Helena Antipoff e quais os pressupostos teórico-metodológicos da sua formação profissional, pressupostos sobre os quais assentará suas proposições de ações técnicas no campo. O texto traz os caminhos percorridos por ela desde seu país de origem, a Rússia até receber o convite para trabalhar no Brasil. Além disso, o artigo traz elementos que esclarecem as motivações para a sua vinda para o Brasil, as suas atividades no ensino brasileiro na década de 1930 e os caminhos que direcionaram suas ações para a educação dos "excepcionais". Apresenta também uma síntese das ações de Helena Antipoff no Brasil na área da Educação Especial. A partir dessa trajetória, foi possível colocar em tela quem foi Helena Antipoff e quais os princípios educativos endossados por ela e, ainda, traçar um panorama de suas ações voltadas para a Educação dos "excepcionais" na realidade brasileira.

Palavras-chave: Helena Antipoff; história da psicologia; história da educação

Abstract

This is a historical research based on documentary sources and on a biographical study on Helena Antipoff, which sought elements that would bring contributions to the history of psychology and education as to whom Helena Antipoff was and which were the theoretical and methodological assumptions upon which she based her proposals and technical actions in the field. The text provides the paths taken by her since she was in her home country, Russia, until she received the invitation to work in Brazil. In addition, the article sought to bring elements that clarify her reasons for coming to Brazil, her activities in the Brazilian education in the 1930s, and the paths that guided her actions towards the education of "exceptional children". Finally, it presents a summary of Helena Antipoff's actions in Brazil in the area of Special Education. From this trajectory, it was possible to delineate who Helena Antipoff was and what educational principles she endorsed, and also to provide an overview of her actions towards the education of "exceptional children" in the Brazilian context.

Keywords: Helena Antipoff; history of psychology; history of education.

1. Introdução

A História se mostrou como um caminho de pesquisa a partir do objeto de estudo que nos dedicamos a analisar (1). Trata-se da atuação de Helena Antipoff no Brasil, que teve início em 1929, quando a educadora chegou em Minas Gerais para trabalhar no sistema de ensino desse estado e se estendeu até o seu falecimento,



em 1974. O interesse sobre esse tema se originou no ano de 1999, quando, na disciplina de Didática, ministrada pelo Professor Doutor Luiz Carlos Villalta, no curso de história, da Universidade Federal de Ouro Preto, fomos apresentadas à Helena Antipoff, por meio de um texto da Professora Doutora Regina Helena Freitas Campos (1995) que, além de trazer a trajetória da educadora e seus princípios científicos, destacou suas pesquisas junto aos alunos das escolas públicas de Belo Horizonte, na década de 1930, e as instituições criadas por ela para atender às crianças consideradas "excepcionais". Fomos instigadas à pesquisa por essas primeiras informações e, também, pela existência de um rico acervo documental preservado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela referida professora, e na Fundação Helena Antipoff, localizada em Ibirité (MG). Atraídas por essas possibilidades, fomos adentrando um território, cientes de que "a tarefa de enfrentar a História é arriscada; os problemas brotam de todos os lados e ganham as mais diferentes formas" (Warde, 1990, p. 03). Desde então, temos nos dedicado a essa tarefa, buscando referências em diversos autores, trocando informações com outros pesquisadores, munidas da vontade de resgatar e conhecer a atuação de Helena Antipoff em nosso país.

Marrou (1978) nos ensina que "a história é o combate do espírito, uma aventura e, como todas as proezas humanas, só alcança sucessos parciais, inteiramente relativos, que não são proporcionais à ambição inicial" (p. 46). Trata-se de um universo complexo, no qual existe uma "rede fechada de relações, onde as causas prolongam seus efeitos, onde as conseqüências se cortam, se amarram, se combatem, onde o menor fato é o ponto de confluência de uma série convergente de reações em cadeia" (p. 46). Tentar apreender essa complexidade, exige daqueles que se aventuram no campo da história uma vontade intrínseca de se debruçar exaustivamente sobre a pesquisa, a leitura e o conhecimento do mundo, uma vez que "todo problema de história, por mais limitado que seja, postula, passo a passo, o conhecimento de toda a história universal" (p. 46). Justamente por essas características, Marrou endossa o que disse o romancista inglês Robert Graves: "A história é um esporte para a idade madura" (p. 64).

Não estávamos erradas ao nos encantar pelas possibilidades documentais que a vida de Helena Antipoff nos havia deixado, porém, fomos compreendendo que a história não se elabora simplesmente pela existência dos documentos, mas por escolhas, delimitações e pela forma como se concebe um determinado tema, uma vez que os documentos não falam por si:

A história é a resposta a uma questão proposta ao passado misterioso, pela curiosidade, pela inquietação (...) pela inteligência, pelo espírito do historiador. O passado apresenta-se-lhe, antes de tudo, como um vago fantasma, sem forma ou consistência; para que o tenhamos nas mãos é preciso apertá-lo bem numa rede de questões de que não possa escapar, obrigá-lo a confessar (Marrou, 1978, p. 49).

Marc Bloch (1949/2002), ao constatar a subordinação do historiador ao passado, já que está condenado a conhecê-lo exclusivamente por meio dos seus "vestígios", também impõe um questionamento ao passado, "pois os textos ou os documentos arqueológicos (...) não falam senão quando sabemos interrogá-lo" (p. 79) sendo que, para ele, esse encaminhamento é "a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida" (p.78), uma vez que o passado bem interrogado nos permite "saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer" (p.78).

Diante desse desafio que o passado nos impõe e, na tentativa de dar uma direção à nossa busca documental, levantamos as questões de pesquisa que orientaram a elaboração deste artigo: quem foi Helena Antipoff; quais foram os pressupostos



teórico-metodológicos da sua formação como psicóloga e educadora; quais as razões de sua vinda para o Brasil, em 1929; que motivações a levaram a se dedicar à educação dos "excepcionais" e como ela buscou viabilizar essa educação no Brasil. Ao responder a essas questões, o objetivo foi compreender quem foi Helena Antipoff e a sua participação no desenvolvimento da Educação Especial em nosso país.

Para a realização de nossas pesquisas, os documentos preservados na Fundação Helena Antipoff (2), em Ibitaré, e no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff [CDPHA] (3) – situado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, foram fundamentais. Em nossa garimpagem pelos dois acervos, levantamos um material para cobrir as questões da pesquisa. Trata-se de um variado *corpus* documental, do qual fazem parte os Estatutos da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais; Boletim da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, que, de 1929 a 1937, publicou textos monográficos de diferentes autores, tratando de temas relacionados à psicologia experimental, à deficiência mental, visual e auditiva, e à organização das classes homogêneas; Revista *Infância Excepcional* – publicação semestral da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Completam esse aparato documental as Coletâneas de Obras Escritas de Helena Antipoff, organizadas pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff [CDPHA] da Universidade Federal de Minas Gerais, em comemoração ao centenário do nascimento da educadora, compondo cinco volumes, publicados em 1992, agrupados sob as seguintes temáticas, que os nomeiam: Psicologia Experimental, Fundamentos da Educação, Educação do Excepcional, Educação Rural, Educação do Bem-Dotado.

Para o levantamento das fontes, no CDPAH dispomos do catálogo dos documentos, o que facilitou a seleção preliminar. No Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff, a colaboração dos responsáveis foi imprescindível, uma vez que o mesmo encontra-se em fase de organização e esse trabalho era interrompido para a localização dos documentos de que necessitávamos. Para tornar mais ágil o registro dos documentos, utilizamos uma câmera fotográfica digital, o que viabilizou um período maior para a análise dos documentos, que não foi feita *in loco*.

Cada vez que retornávamos da pesquisa de campo, era o momento de organizar as fotos em arquivos digitais. Além das pastas devidamente categorizadas, elaboramos uma planilha com a descrição de todos os documentos, com os principais conteúdos de cada um, indicando a pasta onde estavam arquivados, acompanhados pela numeração da seqüência de fotos correspondentes. Estabelecemos categorias que foram atribuídas às respectivas fontes descritas na planilha e, no momento da escrita do texto, transformaram-se em instrumento de busca sobre os temas a serem tratados.

2. Helena Antipoff – uma "Mulher do Mundo"

No primeiro momento da nossa investigação, acompanhamos a trajetória de Helena Antipoff numa tentativa de conhecer um pouco de sua pessoa e apresentar ao leitor um retrato dessa educadora que se considerava uma "mulher do mundo" (4) e que se destacou no cenário brasileiro, passando a maior parte de sua vida no Brasil.

Acompanhar um percurso de vida pode fazer emergir tanto a vida individual quanto o contexto social em que viveu o indivíduo, e isto depende da maneira como a pesquisa é desenvolvida (Queiroz, 1988). Partindo desse pressuposto, utilizamos, como fonte, no estudo da pessoa de Helena Antipoff, a sua biografia (D. Antipoff, 1975), que apresenta sua vida particular, destacando o que ela fez e disse através do tempo, em variadas circunstâncias. Apesar de haver atingido a sociedade em que viveu a educadora, isto foi feito para explicar seus comportamentos e as fases de sua existência individual.

A Helena Antipoff que apresentamos nos parágrafos seguintes é resultado de uma conjugação de imagens: por um lado, aquela imagem que ela tinha de si (5) e que



foi passada para o filho; por outro lado, a imagem que o filho conseguiu captar da mãe a partir de sua vivência ao lado dela. Finalmente, deve ser considerado o filtro do nosso olhar, que procurou trazer à tona momentos que nos surpreenderam quando enxergamos para além da educadora e que, de alguma forma, nos influenciaram na análise de sua ação.

Assim, antes de nos remetermos à Helena Antipoff psicóloga e educadora, sua formação e sua atuação, antes de acompanhar seu percurso profissional com o intuito de problematizar seu trabalho com as crianças brasileiras, optamos por recortar alguns momentos de sua vida no sentido de aproximar o nosso olhar e ampliar a nossa visão a seu respeito. Acreditamos que, para fazer uma abordagem ampla de sua ação, é necessário conhecê-la sob o leque de perspectivas que recobriu sua trajetória.

Ainda, é importante frisar que partimos de um documento elaborado pelo filho da educadora, impregnado de suas emoções, cuja relação filial, certamente, influenciou seu posicionamento crítico em relação à trajetória da educadora, levando a uma "romantização" da mesma. Na análise desse documento, atentamos para essa característica do material e procuramos trazer elementos que respondessem às questões de pesquisa aqui colocadas, complementando as informações com dados levantados por outros pesquisadores (Campos, 2002, 2010a, 2010b) e, também, por documentos que encontramos nos acervos supracitados.

Helena Wladimirna Antipoff nasceu em Grodno na Rússia em 1892 e viveu até 1908 em São Petersburgo. Sua mãe, Sofia Constantinovna, estudou no "Instituto para Moças da Nobreza", em Lodz, onde se formou em pedagogia, adquirindo conhecimentos em línguas estrangeiras, falava o francês e o alemão. Seu pai, Wladimir Vassilevitch Antipoff, era filho de rico industrial, mas seguiu outro caminho, preferindo o curso na Academia do Estado-Maior, destacando-se na carreira militar, chegando ao posto de coronel antes de completar os 40 anos (D. Antipoff, 1975, pp. 19-20).

Entre as principais características de Helena Antipoff, destacam-se: a sede pelo saber e seu espírito científico, que já se faziam presentes desde sua infância e encontraram, no ambiente familiar e na escola, terrenos férteis para se desenvolver. Na escola secundária, Helena Antipoff "passa horas seguidas em laboratórios bem montados, observando e anotando com a máxima objetividade os fatos. Acostuma-se a somente considerar como verdadeiro aquilo que é suscetível de" (D. Antipoff, 1975, p. 22). Os presentes de aniversário eram livros, muitos encomendados no estrangeiro, e algumas horas por dia e os feriados, eram dedicados à leitura na casa dos Antipoff, "uma família de elite que valorizava a educação e a cultura geral" (Campos, 2010b, p. 90).

O espírito científico acompanhou a educadora em toda a sua vida, que, sendo marcada pela "necessidade de adaptação em contextos diversos, sempre a curiosidade científica lhe aparecia como a porta de entrada, a condição de possibilidade de compreender o estranho e de se fazer conhecer" (Campos, 2002, p. 30).

A vontade de se dedicar à ciência era predominante e Helena Antipoff se diferenciava da maioria das mulheres de seu tempo. Podemos perceber esse encaminhamento em vários momentos de sua vivência, inclusive desde o período da juventude. Ao estudarmos os primeiros anos de Helena Antipoff em Paris, para onde se mudara com a mãe e a irmã em 1909, quando tinha 17 anos, nos deparamos com a seguinte passagem, referindo-se a ela e a duas amigas.

As três, na flor da idade para levarem uma vida de moças, atentas a possíveis galanteios, caracterizavam-se por uma mentalidade fora do comum. Consideravam que a cultura e o estudo aprofundado são os elementos essenciais para a



sua vida de jovens, julgavam ter uma missão na área profissional também. Convivendo com rapazes e amigos, também universitários, parece que não fazem do casamento a meta essencial da vida (D. Antipoff, 1975, pp. 31-32).

A mudança de Helena com sua mãe e irmã para Paris havia sido motivada por tensões políticas na Rússia, decorrentes dos conflitos entre a autocracia do czar Nicolau II e as demandas por democracia e por um regime parlamentar, por parte da sociedade, as quais provocavam insegurança e medo com relação a um movimento revolucionário. Além disso, a idéia da família Antipoff como a de muitas famílias russas abastadas era "procurar oportunidades de estudo para os filhos na Europa ocidental" (Campos, 2010a, pp. 14-15).

Foi nesse período que Helena Antipoff começou a experimentar sua independência, realizando uma viagem de férias para a Inglaterra, contrariando a argumentação da mãe, que insistia em persuadi-la a não viajar, já que "naquela época, realmente era uma coisa ousada uma moça, jovem ainda, viajar sozinha e passar por cima dos preconceitos sociais" (D. Antipoff, 1975, p. 33). Ela viajou em julho de 1911 e ficou naquele país por quase três meses, ministrando aulas de francês na residência de uma família inglesa.

Essa postura independente se manifestou em outras situações. Em 1916, ela havia concluído seu curso no Instituto Jean-Jacques Rousseau e trabalhava como assistente de Edouard Claparède, médico e psicólogo suíço. O contato de Antipoff com Claparède, segundo Campos (2010a), foi crucial no desenvolvimento da visão da educadora a respeito das relações entre inteligência e educação.

Nessa época, estava em curso a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que envolveu tanto os países industrializados da Europa, quanto o império russo, cuja indústria ainda se encontrava em fase de desenvolvimento. A Rússia vivia o regime czarista, sob o governo autocrático de Nicolau II. O povo era oprimido "pela censura (...), a prisão, o trabalho forçado na Sibéria e até mesmo pelas excomunhões por parte do clero" (D. Antipoff, 1975, pp. 22-23). As classes sociais, excetuando a aristocracia "ligada ainda ao czar" e "os militares credenciados na corte" (D. Antipoff, 1975, p. 26), estavam descontentes, pois camponeses e operários viviam em condições de miséria, e a burguesia encontrava-se insatisfeita diante da incapacidade de um regime arcaico que configurava um obstáculo aos seus progressos. O envolvimento da Rússia na conflagração mundial agrava os seus problemas internos, desorganizando a economia e intensificando os conflitos de classes: camponeses e proprietários; operários e burgueses (Crouzet, 1958).

A opressão, o descontentamento e os conflitos, em um momento de guerra, criaram um clima de instabilidade política, no qual se preparava movimentos de insurreição contra o governo: "Os escritos de Marx, as exortações de novos líderes populares, entre os quais Trotsky e Lenine, produziam inquietações e semeavam o pânico no seio da classe privilegiada" (D. Antipoff, 1975, p. 27).

A Rússia passava por um momento crítico: os exércitos russos lutavam contra as tropas alemãs, enquanto o povo injustiçado e faminto se revoltava contra o governo czarista. Helena Antipoff se impacientava com as leituras dos jornais, buscando notícias da Rússia e pensando no pai à frente do exército russo. Ao receber a informação de que o pai estava gravemente ferido e, diante de todas as dificuldades que um contexto bélico podia oferecer, empreendeu a viagem de volta à Rússia:

Vai ao consulado, consulta companhias de transporte marítimo. Em todos os lugares é aconselhada a desistir daquela viagem sozinha, mormente tratando-se de um período tão confuso em todos os países que teria de atravessar. Na própria Rússia estaria sem nenhuma garantia de



segurança, devido às insurreições internas (D. Antipoff, 1975, p. 46).

Mesmo considerando esses riscos, Helena Antipoff seguiu com seu objetivo de auxiliar o pai, viajando para a Rússia sem nenhuma pista de onde ele poderia estar. Ao chegar ao país, tomado pelos levantes revolucionários contra o czarismo, começou uma peregrinação pelos hospitais, às vezes viajando dias de trem em condições precárias. Encontra o pai em estado de inconsciência.

A magreza daquele homem de cinquenta anos, provocada por mais de dez dias sem alimento sólido, tornava-o irreconhecível. Helena repentinamente lembra uma particularidade da mão do pai – o polegar da mão esquerda ligeiramente atrofiado devido a um acidente na infância. Levanta o cobertor à procura do indício. A mão também está enfaixada, mas o polegar aparece-lhe nitidamente com aquele corte do dedo (D. Antipoff, 1975, p. 62).

Mesmo em condições tão desfavoráveis, o Coronel Wladimir Antipoff conseguiu se recuperar. Antipoff permaneceu na Rússia até 1924. Nesse quadro, se operaram transformações na Rússia: a monarquia havia sido derrubada e substituída no poder por um governo provisório, que representou um regime dualista: de um lado o governo "legal", porém fraco, articulado aos interesses da burguesia liberal e de outro, o Soviete (6), ao qual os bolcheviques (7) estavam ligados, pressionando aquele governo que, comprometido com seus aliados franceses e ingleses, manteve a Rússia na guerra.

Tal insistência do governo "legal" de manter a Rússia no conflito contribuiu para o fortalecimento dos bolcheviques, cujo programa consistia: na paz; na libertação das nacionalidades alógenas (oprimidas pelo regime czarista); nacionalização dos bancos e das grandes empresas; da expropriação das propriedades de terra; e do controle da produção, por parte dos proletários. Os bolcheviques derrubaram o governo provisório "legal", por meio de um levante que passou à história como Revolução Russa, em outubro de 1917.

O ano de 1917 marcou na Rússia a insurreição popular e a revolução que instalou os bolcheviques no poder. "Foi também data das grandes violências e horrores por parte de uma plebe injustiçada e faminta" (D. Antipoff, 1975, p. 69). Nesse período, gostaríamos de destacar mais dois episódios que nos ajudaram a conhecer melhor a figura humana da educadora. Em 1918, Helena Antipoff e o jornalista Vítor Iretzky se uniram em "casamento informal" e, no ano seguinte, nasceu o filho do casal. Era um período crítico na Rússia, caracterizado por um governo conturbado que se esforçava para conduzir a Rússia ao socialismo. Porém, a transformação do velho império em um país socialista custou ao governo de Lênine grandes sacrifícios: a luta contra opositores internos (os contra-revolucionários); as intervenções estrangeiras (principalmente logo após o governo bolchevique retirar a Rússia da guerra, através de um tratado de paz, em separado, com a Alemanha); a elaboração da Nova Política Econômica (N.E.P.), uma tentativa de superar a crise interna, que se agravava com a guerra civil; a fome, que "se espalha por todos os lados, não há o que comer. Quem arranja um pouco de pão sabe que a quarta parte é constituída de serragem de madeira" (D. Antipoff, 1975, p. 70).

No cenário das convulsões que se seguiram à Revolução de Outubro, nasceu o filho de Helena Antipoff que, apesar de ter nascido saudável, tornou-se um menino muito magro, a ponto de ser levado a um laboratório de anatomia, sendo exposto como amostra de raquitismo, mas nem assim a mãe conseguiu obter auxílio para alimentá-lo. A ajuda veio de uma camponesa que havia perdido um filho da mesma idade e acabou alimentando a criança por dois meses (D. Antipoff, 1975, p. 71).



Em 1919, o jornalista Vítor Iretzky, marido de Antipoff foi preso e, como outros tantos "intelectuais", passou a ser considerado "inimigo do povo": sua punição foi o exílio na Alemanha, tendo sido extraditado em 1922. Helena Antipoff permaneceu na Rússia até 1924 e, ao ir para a Alemanha encontrar-se com o marido, teve "de optar por uma nova nacionalidade, visto que saindo da Rússia, perde o *status* de cidadã da URSS, conforme o diz o último carimbo apostado ao passaporte de Helena Antipoff" (D. Antipoff, 1975, p. 85).

Mas sua nova nacionalidade não seria alemã, uma vez que ela permaneceu pouco tempo naquele país. Em janeiro de 1925, deixou o marido na Alemanha e desembarcou com o filho em Genebra, onde permaneceu até sua partida para o Brasil, em 1929. Com a permanência prevista para dois anos, acabou vivendo a maior parte de sua vida aqui. Quando lhe perguntam se se sentia brasileira ou russa, respondeu:

Sou russa, mas antes de tudo sou mulher do mundo – brasileira, francesa, argentina, tudo. Mas nasci na Rússia. Sinto muita saudade da Rússia. Depois que saí, nunca mais voltei. Penso muito nos campos da Rússia, nas árvores e nos bosques. Dou meus passeios por lá, em pensamento (H. Antipoff citado por D. Antipoff, 1975, p. 175).

Um impasse se impôs para Helena Antipoff ante sua decisão de passar dois anos no Brasil. Tratava-se do futuro do filho, Daniel Antipoff, que estava com dez anos de idade. A preocupação colocou-se em termos educacionais, pois as informações de Leon Walther, psicólogo do Instituto Jean-Jacques Rousseau que viajou ao Brasil antes dela, a esse respeito, não pareciam atender às suas expectativas:

Pelas informações obtidas de Walther, o ensino em Minas Gerais está incipiente, ainda em fase experimental. A maioria do magistério é constituída de mulheres, recém-formadas em escolas normais. Há ausência de professores secundários diplomados, a maioria autodidata (D. Antipoff, 1975, p. 98).

A solução que se apresentou consistia em deixar a criança na Europa para dar continuidade à educação já iniciada, "na condição de interno provavelmente" (D. Antipoff, 1975, p. 98). Para concretizar essa possibilidade, Helena Antipoff procurou uma ex-aluna do Instituto Jean-Jacques Rousseau, que, terminando seu curso, pretendia abrir uma escola em regime de internato. Diante da proposta de "servir de segunda mãe e dar ao menino a primeira matrícula na escola que iria organizar" (D. Antipoff, 1975, p. 98). Marguerite Soubeyran se entusiasmou e se mobilizou para angariar fundos e viabilizar a instituição sob "as características da escola nova, preconizada por Claparède" (D. Antipoff, 1975, p. 99).

Pagando adiantado a pensão do filho, que foi o primeiro aluno matriculado na escola internato de Maggi Soubeyran, Helena Antipoff deixou a Europa e seguiu rumo ao Novo Mundo, em 1929. A estadia prevista para dois anos vai se estendendo e, com isso, mãe e filho ficaram separados por quase dez anos. Daniel Antipoff só se transferiu para o Brasil em 1938, devido à iminência da Segunda Guerra Mundial.

Estamos diante de uma mulher cujo espírito científico se manifestou muito cedo, sendo desenvolvido desde a infância. Integrando uma família privilegiada, não foi poupada dos percalços da Primeira Guerra e da Revolução Russa, fazendo desses momentos difíceis oportunidades para colocar em prática seus conhecimentos, como veremos mais adiante. A crença na ciência se fez tão forte em sua trajetória que, quando se transferiu para o Brasil, o filho ficou na Europa para ser educado num internato que adotava a nova pedagogia, a pedagogia experimental.



3. Helena Antipoff – caminhos para a Psicologia e para a Educação

Ao deixar a Rússia pela primeira vez em 1909, Helena Antipoff já havia concluído o ensino secundário e o normal complementar. Ao chegar em Paris, buscou validar os seus diplomas para ingressar no ensino superior, nesse momento "ainda não sabe exatamente qual o curso que irá seguir, embora em outras épocas houvesse pensado no magistério" (D. Antipoff, 1975, p. 31).

Segundo Daniel Antipoff, inicialmente ela se direcionou para o curso de medicina, na Universidade de Sorbonne, mas considerou as aulas de anatomia e fisiologia desinteressantes. Foi quando começou a freqüentar as aulas de Pierre Janet e Henry Bérghson, no Collège de France e, a partir daí, a psicologia passou a ser o foco de seu interesse.

Ainda que uma ciência nova, a psicologia a empolga pela maneira como é discutida por aqueles mestres (...). A psicologia lhe parece emocionante e o que lhe agrada, sobretudo, é nela enxergar uma capacidade de resolver teoricamente uma série de situações (D. Antipoff, 1975, p. 38).

O interesse pela psicologia parece ter surgido durante sua passagem pela Inglaterra. No período de três meses em que permaneceu naquele país, em 1911, antes de iniciar as aulas na Sorbonne, fez um estágio de algumas semanas na Saint Helen's School, na cidade de Blackheath. Tratava-se de um educandário para meninos que apresentavam problemas neurológicos, gerando dificuldades nos estudos e na convivência familiar. Preocupada com essas crianças, ela se questionou se a medicina ou outra ciência não poderia ajudar no atendimento dispensado a elas.

Assim, o valor daquele estágio constitui para Helena mais um motivo de indagações do que de satisfação. Na escola de Blackheath apenas está posto um problema, faltando solucioná-lo. (...) além do médico e do psiquiatra, deve haver outro tipo de técnico, atento aos problemas do doente. Uma metodologia diferente deveria ser introduzida e talvez o famoso Alfred Binet pudesse emitir opiniões valiosas (D. Antipoff, 1975, p. 37).

No início do século XX, Alfred Binet estudava a psicologia infantil no Laboratório de Psicologia da Sorbonne e suas pesquisas focavam o desenvolvimento mental das crianças em escolas primárias de Paris. Em 1904, Binet criou um Laboratório de Pedagogia Experimental numa escola parisiense, apoiado pela Société Libre pour l'Étude de l'Enfant, para que ele e seus colaboradores tivessem o contato com os escolares e pudessem testar a escala de medida da inteligência, em elaboração. Resultou dessas pesquisas a primeira versão da Escala Métrica Binet Simon, apresentada em 1905. A padronização desses testes, por meio da aplicação e análise dos resultados, requeria o envolvimento de muitos pesquisadores. Helena Antipoff, ao retornar da Inglaterra, passou a freqüentar o curso de medicina da Sorbonne e se aproximou da psicologia, devido à sua participação dos seminários ministrados pelos filósofos e psicólogos franceses Henri Bérghson e Pierre Janet e, também, colaborou na padronização dos testes, tendo iniciado as suas atividades em 1911 (Campos, 2010b). Binet havia falecido naquele ano, Antipoff foi recebida por Théodore Simon, que a aceitou como estagiária do laboratório de Pedagogia Experimental.

Foi no trabalho com a padronização dos testes Binet-Simon que Antipoff conheceu Edouard Claparède, da Universidade de Genebra, que a convidou para fazer parte



do Instituto Jean-Jacques Rousseau, que pretendia ser "ao mesmo tempo uma escola das ciências da educação (aberta a todos que se dedicavam ao ensino) e um laboratório de pesquisas" (Claparède, 1953, p. 97). Diante do convite, Helena Antipoff deixou o curso de medicina e seguiu para o *Institut des Sciences de l'Education*, da Universidade de Genebra, onde obteve, entre 1912 e 1914, a certificação dos seus estudos, conforme diploma emitido pelo Instituto (1914):

Instituto J. J. Rousseau. École des Sciences de L'Éducation.

DIPLOME – Madame Hélène Antipoff de Russia a été inscrit a l'Institut J. J. Rousseau en qualité d'élève regulier pendant quatre semestres. Me. a suivi les cours et pris une part active aux travaux pratiques que comporte le plan d'etudes. Elle prouvé qu'elle a pleinement profité de cet enseignement. Geneve, 15 de juillet 1914.

Assinado por Claparède (s. p.). (8)

A Europa, nesse período, no campo educacional, estava passando por um movimento de renovação, impulsionado pelas mudanças políticas iniciadas no século XVIII com a Revolução Francesa. Diante dos processos de ampliação do acesso à escola, uma questão se colocava aos educadores: como trabalhar com as diferenças individuais e ainda contribuir para a reprodução da divisão social do trabalho? Segundo Campos (2002),

essas tensões estavam presentes e se intensificavam nos sistemas de ensino de massa, construídos, na verdade, sob a pressão de demandas contraditórias: a pressão das populações trabalhadoras e das camadas médias pela ampliação do acesso às oportunidades educacionais e a pressão das elites dirigentes pela formação para o trabalho nas modernas sociedades industriais (p. 16).

O Laboratório Binet-Simon e o Instituto Jean-Jacques Rousseau estavam envolvidos nesse movimento de renovação, respondendo a essas demandas educacionais. Binet propôs, em 1908, a escala métrica de inteligência, visando avaliar as capacidades cognitivas das crianças e planejar programas de educação adequados a cada nível, distribuindo as crianças em estabelecimentos ou classes especiais. Claparède, pensando no ensino atento às diferenças individuais, desenvolveu a proposta da "Escola sob Medida".

Em linhas gerais, é esse o contexto que orientou Helena Antipoff em sua formação como educadora e psicóloga e, a partir das leituras de seus escritos, podemos inferir que seu pensamento e sua ação apresentavam traços evidentes da influência dos educadores citados, principalmente Edouard Claparède, amigo pessoal que ela admirava como um educador diferente "dos educadores de sua época, geralmente prepotentes e acostumados a cercear a liberdade dos discentes, impingindo-lhes seus métodos nem sempre adequados" (D. Antipoff, 1975, p. 42). Faz-se necessário indicar que os autores aqui destacados não esgotam as suas fontes formativas, haja visto que Antipoff tem em sua formação um rol de diferentes autores e, por sua postura científica, estava sempre estudando e incorporando novos elementos. De acordo com Campos (2010b), os autores mais citados nos cinco volumes da Coletânea das Obras Escritas de Helena Antipoff são Édouard Claparède, Alfred Binet, Théodore Simon, Alice Descoedres, Johann Heinrich Pestalozzi, Ovide Décroly, Jean Piaget, Alexander Lazursky, Ernst Meumann e William Stern.



3.1. Apontamentos sobre os pressupostos Teóricos e Metodológicos de Helena Antipoff e o seu Trabalho com Crianças na Rússia e na Suíça.

Inserida num contexto de renovação educacional, Helena Antipoff endossava aquele movimento de renovação, cujos princípios encontravam eco nos seus escritos, como evidencia esse trecho publicado em 1927: "Toda pedagogia avançada se baseia teoricamente no conhecimento da criança. Sem esses conhecimentos não é possível a 'escola sob medida'. Supérfluo é defender tais asserções, pois estas já são comumente admitidas por todos que proclamam a nova educação" (H. Antipoff, 1927/1992b, p. 29).

Diante desse fato, para avançarmos na pesquisa das idéias e propostas educacionais de Helena Antipoff, foi crucial conhecer os princípios da "Escola sob Medida" que segundo o próprio autor, não é algo original, foi inspirada "nos exemplos de Dewey, Decroly e Montessori" (Claparède, 1953, p. 199) e apresentada em contraposição aos "defeitos do regime tradicional" (p. 193).

A educação devia ter como centro dos programas e dos métodos escolares a criança e considerar as aptidões individuais. Segundo Claparède, "uma aptidão é uma disposição natural a comportar-se de certa maneira, a compreender ou sentir de preferência certas coisas ou a executar certas atividades de trabalho" (Claparède, 1953, p. 167). Cada aptidão implicava, necessariamente, o desenvolvimento de certas habilidades (9) e elas variavam de um indivíduo para outro, sendo que cada um carregaria uma diversidade de aptidões, cuja média determinava a "*inteligência global*" (p. 167). Claparède criticava a escola tradicional por ignorar essas diferenças individuais e deixava claro que a educação deveria obedecer à natureza da criança: "a observação nos mostra que um indivíduo só produz na medida em que se apela para suas capacidades naturais, e que é perda de tempo querer por força desenvolver nele capacidades não possuídas" (p. 174).

Nesse cenário, o papel da educação transformava-se. Antes de se preocupar com a carga de conhecimentos memorizáveis que possuem os programas escolares, devia empenhar-se em desenvolver as funções intelectuais e morais de cada indivíduo. Caberia ao professor despertar essas funções para que o aluno pudesse, por si mesmo, por meio do trabalho e da pesquisa pessoal, adquirir os conhecimentos.

A chave para fazer despertar a criança para as atividades propícias ao seu desenvolvimento moral e intelectual era, segundo Claparède, a necessidade, já que "toda necessidade tende a provocar as reações próprias a satisfazê-la" (Claparède, 1953, p. 118). Os estímulos exteriores não suscitarão reações se estas não responderem à necessidade do indivíduo. Assim, um novo cenário se apresentava à escola, que devia ser ativa no sentido de mobilizar as atividades das crianças e, nesse novo cenário o medo e o castigo não tinham razão de existir, pois o que surtiria efeito no processo educativo seria o interesse pela coisa que se tratava de assimilar.

Num relatório apresentado em 1922, ao Congresso de Higiene Mental de Paris, Claparède (1953) apontou medidas práticas para que as aptidões de cada indivíduo fossem respeitadas pela escola:

É necessário que a escola leve mais em conta as aptidões individuais e se aproxime do ideal da escola sob medida. Poder-se-ia chegar a esse ponto, deixando nos programas, ao lado de um programa mínimo, comum e obrigatório a todos, e tratando de disciplinas indispensáveis, certo número de ramos a escolher, podendo ser aprofundado pelos interessados, à sua vontade, movidos por seu interesse e não pela obrigação de passar num exame sobre elas (p. 127).



Outra medida sugerida por Claparède, as "Classes Paralelas", consistia na subdivisão das classes em "classe forte, para os mais inteligentes, e uma classe fraca para os que têm mais dificuldade em segui-la" (Claparède, 1953, p. 179). Nessas classes para os mais fracos, o programa seria reduzido e o ritmo seria mais lento, o número de alunos seria menor, o que possibilitaria cuidar melhor de cada um e, por fim, os métodos seriam mais intuitivos. Entretanto, para Claparède o sistema educativo não podia ser tomado como um modelo definitivo e fechado em seus encaminhamentos, já que "melhor seria não cristalizar coisa alguma e ter uma organização maleável, de modo que acolhesse qualquer nova melhoria, para se valer de qualquer retoque que a tornasse mais próxima da perfeição" (p. 166).

Esse processo dinâmico impunha à "pedagogia prática o estudo em profundidade dos fatos psicológicos em correlação com as melhorias desejadas, e principalmente, experiências, ensaios" (Claparède, 1953, p. 165). Assim, a pedagogia não se constituía em área autônoma e "só a ciência, principalmente a psicologia, poderá fornecer à arte da educação as técnicas que permitam, com alguma certeza, atingir as metas que ela se propõe" (p. 193). Essas técnicas referiam-se, sobretudo, ao conhecimento da criança, pois esta deveria ser o centro do sistema educativo, os seus interesses, o motor da educação, e esse conhecimento seria a ferramenta para o trabalho do educador. A pedagogia para Claparède era experimental, quer dizer, devia-se conhecer a criança para melhor ajudá-la no seu desenvolvimento.

Nesse sentido, Claparède criou junto ao Instituto Jean-Jacques Rousseau, a Maison des Petits, "um meio educativo onde se pudesse fazer a verificação prática das melhorias e reformas sugeridas por um conhecimento mais aprofundado da psicologia infantil" (Claparède, 1953, p. 198). O termo escola não foi empregado, pois o intuito era fazer da instituição a reprodução da vida da criança, associada a diversas atividades e "não um parêntese artificial introduzido em sua própria vida" (p. 199).

A instituição recebia crianças desde a idade de três anos que poderiam aí permanecer até a adolescência, tendo como um dos primeiros alunos o filho de Claparède. O filho de Helena Antipoff, Daniel Antipoff, também estudou na "Maison des Petits", entre 1925 e 1927.

De acordo com Claparède, situada em meio a jardins e pomares, a instituição "não tem nada de *construção escolar*. As crianças entram e saem como querem, segundo as necessidades de ocupação" e "se deseja que as crianças *queiram tudo o que fazem*. Deseja-se que elas atuem e não sejam atuadas" (Claparède, 1953, p. 199-200, grifo do autor). Helena Antipoff compôs o quadro das primeiras professoras que atuaram junto à instituição, onde Claparède realizou "as primeiras experiências de observação psicológica com crianças de países ocidentais" (D. Antipoff, 1975, p. 90). A educadora falou de seu trabalho na Maison des Petits num artigo publicado em 1927.

Atualmente, estudamos na "Maison des Petits" o caráter das crianças, observando-as em sua conduta para com o trabalho manual. Dezoito crianças, de 7-8 anos foram metodicamente observadas durante muitos meses. Pudemos recolher um grande número de reações características, graças a algumas ocupações (H. Antipoff, 1927/1992b, p. 40).

Esse encaminhamento seguido por Helena Antipoff na instituição, nos remete ao método utilizado para alcançar o conhecimento das crianças e que tipo de conhecimento estava em pauta. Tratava-se do Método de Experimentação Natural, apropriado para o estudo do caráter e da personalidade dos indivíduos, e o qual, de acordo com Campos (2010a), era uma alternativa ao uso dos testes padronizados, pois consistia em observar a criança em seu ambiente natural, procurando assim evitar a artificialidade do laboratório. Os princípios do Método de Experimentação



Natural foram expostos, em 1911, no Congresso de Pedagogia Experimental, de São Petersburgo, pelo psicólogo e psiquiatra russo Alexandre Lazursky; e da aplicação de testes de inteligência, baseados na Escala Métrica Binet – Simon, dos quais a educadora participou dos ensaios de padronização. Helena Antipoff referiu-se ao método Binet – Simon como "um golpe de gênio no terreno da psicologia aplicada" (H. Antipoff, 1931/1992d, p. 73), que "teve por finalidade fornecer um critério objetivo para a seleção de crianças retardadas, visando a sua distribuição em estabelecimentos ou classes especiais" (H. Antipoff, 1928/1992c, p. 43).

Esses autores partiram do pressuposto de que o espírito da criança, assim como seu corpo, crescia quantitativamente em função da idade e das experiências adquiridas naturalmente em contato com o mundo. Sendo assim, eles apoiaram o desenvolvimento mental em exercícios para diferentes idades, traduzidos em uma série de testes, desde os primeiros meses até a idade adulta (H. Antipoff, 1931/1992d).

O resultado final, obtido pela criança nos exercícios, era confrontado com a escala de pontos do bareme – "um resumo das médias dos pontos obtidos por um conjunto de crianças de idades diferentes sobre as quais a prova foi ensaiada" (H. Antipoff, 1928/1992c, p. 44). Era desse confronto que se determinava a dificuldade e se atribuía a idade mental. Segundo H. Antipoff (1931/1992d):

Graças ao método de Binet e Simon, foi possível medir o desenvolvimento mental das crianças. Medir quer dizer comparar uma quantidade com outra tomada como unidade. Medir o desenvolvimento mental de uma criança quer dizer compará-lo com o estabelecido previamente sobre uma quantidade de crianças e tomado como medida (pp. 75-76).

Esses testes ficaram conhecidos como testes de inteligência, porém Helena Antipoff faz uma ressalva quanto à utilização desse conceito, pois "a inteligência revelada por meio destes testes é menos uma inteligência natural (como quis Binet), que uma inteligência civilizada" (H. Antipoff, 1931/1992d, p. 77).

Esse conceito de "inteligência civilizada" foi elaborado por Helena Antipoff durante seu trabalho com crianças abandonadas na Rússia entre 1920 e 1924 (10). Ao serem avaliadas pelos testes, essas crianças apresentavam um atraso mental de dois a três anos em relação à idade cronológica. Esse resultado se explicava, segundo H. Antipoff (1931/1992d), pelo fato de que essas crianças viviam marginalizadas:

à margem da família, da escola e da sociedade com suas leis e suas regras, essas crianças se formavam à margem da vida civilizada. Não sendo destituídas de inteligência natural, não possuíam precisamente essa inteligência que se tritura e se disciplina ao contato do exemplo no seio do regime regrado, essa inteligência civilizada, que prescramos por meio de nossos testes chamados de inteligência geral (pp. 78-79).

Em outras palavras, para Helena Antipoff, a inteligência geral não se processava independentemente da educação, da instrução e do meio em que a criança se formava e, essa influência do fator social no desenvolvimento mental das crianças "já foi nitidamente notada por Binet e Simon nas aplicações de seus testes às crianças de diferentes bairros de Paris" (H. Antipoff, 1931/1992d, p. 100).

Segundo Helena Antipoff, esses testes, eficientes para se conhecer o desenvolvimento mental, a inteligência, que ela chamou de civilizada, se mostravam incompletos quando se tratava de estudar a personalidade das crianças, pois "fracionando a personalidade em funções isoladas, estudando-a em condições



artificiais, falseando nossa estrutura autêntica" (H. Antipoff, 1931/1992d, p. 30), os testes não apresentam a "preocupação de abranger o comportamento no seu conjunto" (H. Antipoff, 1950/1992f, p. 161). Por serem realizados em condições artificiais, resultavam condutas também artificiais.

Para o estudo da personalidade infantil, Helena Antipoff (1927/1992b) destacou o método proposto por Alexandre Lazursky que, observando as crianças de uma escola, registrando todas as suas condutas descobriu que:

segundo o gênero de ocupações escolares, o comportamento da criança revelava determinados aspectos de sua personalidade. Cada ocupação determinada suscitava na criança reações de categorias particulares (...): a memória, a imaginação, a observação, as funções motrizes, as tendências afetivas, a vontade (p. 31).

Partindo desse pressuposto, o psicólogo russo elaborou um quadro de lições, cuja realização deveria ser observada nas crianças. Tratava-se de "exercícios escolares, daqueles que mais riqueza e segurança demonstravam no estudo da personalidade da criança, chegando a fixar nove exercícios" (H. Antipoff, 1927/1992b, p. 32). A partir desses exercícios, as observações eram dirigidas, possibilitando relacionar as reações às condições estabelecidas. Cada reação era relacionada ao "equivalente psicológico que se encontrava implícito na conduta exterior da criança" (p. 32). As respostas e as reações das crianças eram distribuídas em níveis: inferior, médio, superior, constituindo um elemento de medida, permitindo a expressão gráfica dos resultados, gerando perfis psicológicos que evidenciavam "o essencial da personalidade da criança" (p. 37).

A repetição da experiência ao longo do tempo revelava o progresso, regresso ou estacionamento da criança, com a vantagem de estudar a personalidade dessa criança em seu meio, sem fracionar o seu comportamento em elementos isolados. Helena Antipoff destacou a síntese do método de Lazursky pelas palavras do próprio autor: "Nós estudamos o indivíduo pela vida mesma, e a criança pelos objetos do ensino escolar" (Lazursky citado por H. Antipoff, 1927/1992b, p. 40).

Foi a experiência com as crianças russas que possibilitou a Helena Antipoff colocar em prática esses conhecimentos científicos. Ao retornar àquele país em 1916, permaneceu até 1924 e, nesse ínterim, a educadora trabalhou com as crianças órfãs, vítimas da guerra e da revolução:

nas cidades grandes ocorre um fenômeno cada vez mais freqüente que consiste num afluxo de crianças e adolescentes sem pais e que em bandos percorrem a cidade. Constituem um perigo para as populações, porque inicialmente bem intencionados e a procura de trabalho, acabam tornando-se delinqüentes (D. Antipoff, 1975, p. 66).

Diante dessa situação, Helena Antipoff foi convidada pelo centro médico-pedagógico de São Petersburgo para estudar as crianças abandonadas e, a partir de uma classificação, "encaminhá-las, segundo seu caráter, para as 150 instituições pedagógicas, médicas e jurídicas que possuímos" (H. Antipoff, 1927/1992b, p. 39). A tarefa não era fácil, já que a origem e o perfil dessas crianças eram os mais variados:

ao lado de crianças provenientes de um meio burguês, jogadas nas ruas por azares da sorte, encontravam-se os meninos de rua que conheciam apenas as asperezas da vida, caídos em vícios dos mais ignóbeis; casos de perversão moral ao lado de crianças intactas em sua



confiança a mais cândida (H. Antipoff, 1927/1992b, p. 39).

Esse quadro se complicava porque as crianças não apresentavam nenhuma documentação, não informavam sobre seu passado ou dissimulavam as informações e seu comportamento, percebendo que, de sua conduta, que estava sendo observada, dependia o seu futuro. Foi nesse cenário que o método proposto por Lazursky encontrou terreno fértil para ser aplicado com sucesso, conforme relato de Helena Antipoff (1927/1992b):

nós os havíamos observado durante o almoço. Todos, esfomeados, se comportavam durante a refeição, segundo seu próprio caráter. O instinto mais forte do que eles revelava toda a conduta moral e social que nos interessava em primeiro plano. Pusemo-nos então a observar, atendendo ao espírito da observação natural, as manifestações das crianças durante as refeições. Introduzimos nessas observações elementos de experimentação, variando muitas vezes as normas das refeições (...). Sem tais refeições, jamais poderíamos aprender tanto sobre o caráter dessas crianças (p. 39).

Na Rússia, é importante ressaltar, ainda, sua atuação no Laboratório de Psicologia Experimental de São Petersburgo, onde "empreendeu um exame de nível mental das crianças entre 4 e 9 anos. Queria-se verificar se a época extraordinária da guerra e do terror podia influir sobre o desenvolvimento mental" (H. Antipoff, 1924/1992a, p. 09) e no Reformatório de Menores, ficando encarregada da educação de 150 adolescentes, com os quais a educadora realizou um trabalho de investigação psicopedagógica:

realiza um trabalho completo de investigação psicopedagógica. Separa-os em grupos mais homogêneos, prevendo para uns, além da assistência pedagógica, um reforço também no tratamento medicamentoso e alimentar. Para outros, um regime de semivigilância e de menor exigência intelectual, preconiza atividades práticas, desenvolvida preferencialmente em áreas rurais e profissionais (D. Antipoff, 1975, p. 76).

Em 1922, Helena Antipoff transferiu-se para Viatka, convidada para trabalhar na Estação Médico-Pedagógica, "espécie de patronato para adolescentes difíceis" e, na função de psicóloga, recebeu "carta branca para organizar o sistema de atividades educacionais e escolares propriamente ditas" (D. Antipoff, 1975, p. 81). Ainda em Viatka, a educadora organizou um laboratório de psicologia onde, contando com algumas ajudantes, "examinam as crianças, fazendo uma ampla descrição pormenorizada quanto a características e aptidões" (idem). As atividades desenvolvidas por Helena Antipoff na Rússia foram interrompidas em 1924 com sua ida para a Alemanha, onde a educadora não conseguiu retomar suas atividades profissionais nas instituições escolares: "após algumas tentativas de trabalho em escolas alemãs, Antipoff toma consciência de sua dificuldade em adaptar-se à mentalidade germânica (...). Acaba organizando por conta própria um jardim de infância, destinado aos filhos russos expatriados, residentes em Berlim" (p. 86).

Sua permanência naquele país foi de apenas um ano. Em janeiro de 1926, voltou à Genebra para trabalhar ao lado de Claparède como assistente no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, conforme ofício expedido pelo Conselheiro do Estado, responsável pelo Departamento de Instrução Pública:



À Madame Hélène Antipoff

Madame, J'ai l'honneur de vous transmettre ci - incluse la copie de l'arrêté par lequel le Conseil d'Etat vous nomme aux fonctions d'assistante au laboratoire de psychologie de l'université.

Veillez agréer, Madame, l'expression de ma considération distinguée (Geneve, 7 janvier 1926). (Le Conseiller D'état, 1926, s. p.). (11)

Em 1928, Antipoff foi indicada para substituir Claparède e assumir a direção do Laboratório de Psicologia, conforme ofício do Departamento de Instrução Pública:

Madame, J'ai l'honneur de vous informer que, sur le préavis de la Faculté des sciences et du Bureau du Sénat, le département vous charge, pour l'année scolaire 1928-1929, du remplacement partiel de M. le professeur Edouard Claparède. Il est entendu que vous aurez la direction du laboratoire.

Votre traitement sera calculé conformément aux dispositions que M. Claparède a prises avec vous et qu'il a communiquées au Département.

Veillez agréer, Madame, l'expression de ma considération distinguée (Geneve, 31 octobre, 1928) (Le Conseiller D'état, 1928, s. p.). (12)

No Instituto Jean-Jacques Rousseau, que estava numa fase de grande desenvolvimento, com vários cursos programados, assumiu o cargo de professora de Psicologia da Criança. A experimentação natural foi utilizada para estudar crianças entre 6 e 8 anos, observadas não em atividades escolares propriamente ditas, mas durante a execução de trabalhos manuais que, segundo Antipoff, "ofereceram preciosos meios para ampla revelação da personalidade dos pequenos trabalhadores, podendo ser estudados com bastante exatidão e objetividade os variados aspectos da personalidade" (H. Antipoff, 1950/1992g, p. 168).

Helena Antipoff destacou as seguintes modalidades de trabalho praticadas na Maison des Petits: tecelagem, marcenaria, modelagem, costura e bordados, desenho nos cadernos e pintura, etc. (H. Antipoff, 1950/1992g, p. 168). O comportamento das crianças diante da execução do trabalho era observado e, a partir das reações individuais, era traçado o perfil psicológico de cada uma (13). Assim, o trabalho era utilizado como um meio para se conhecer a personalidade das crianças: "em todas as modalidades do trabalho bem-descritas e bem-conhecidas as reações individuais de cada uma de um grupo de 20 crianças mais ou menos, não foi difícil traçar para cada uma seu perfil psicológico" (p. 169).

Os três anos que Helena Antipoff permaneceu em Genebra também se caracterizaram por intensa atuação profissional e produtividade científica. Nesse período, conforme Campos (2010a), enfocava especialmente o desenvolvimento da inteligência na criança, a relação entre processos psicológicos superiores e motricidade, além do julgamento moral. Foi quando sua fama ultrapassou os países de língua francesa, pois "em 1929, o mais respeitado livro de registro da Europa, *The psychological register* de Londres traz os dados biográficos da colaboradora de Claparède, reconhecendo-lhe raros méritos" (D. Antipoff, 1975, p. 95).

4. Helena Antipoff – Caminhos da Europa para o Brasil

É certo que a atuação de Helena Antipoff, na função de assistente de Claparède e professora de Psicologia do Instituto Jean-Jacques Rousseau ultrapassou as fronteiras dos países de língua francesa. Além do nome da educadora ser citado no respeitado livro de registro da Europa, *The psychological register*, de Londres, em 1927, o governo mineiro efetivou o convite para sua vinda ao Brasil nesse mesmo



ano. O currículo de Helena Antipoff chama a atenção por sua produtividade científica, porém, outros fatores devem ser analisados para esclarecer as motivações que levaram o governo mineiro a efetivar o convite. Nesse sentido, interessa a Reforma Francisco Campos, em 1927, em Minas Gerais (14).

A Reforma de Ensino em Minas Gerais compôs o movimento que envolveu outros estados brasileiros e que, apesar de não integrar uma política nacional de educação (15), buscou colocar em prática o ideário da Escola Nova no país. O governo mineiro empreendeu a reforma do ensino, que atingiu o ensino primário e o normal, sob a argumentação de adequar a escola para atender às novas demandas sociais. O autor da reforma foi Francisco Campos que, em 1926, assumiu o cargo de Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça do Estado de Minas Gerais (16).

A formação dos recursos humanos para colocar em prática as propostas de renovação do ensino se realizou com a ida de professores mineiros aos Estados Unidos para se aperfeiçoarem nos novos métodos (17). Além disso, Francisco Campos convidou especialistas europeus para virem ao Brasil com o intuito de "testar a aplicação destas idéias em nosso meio e de preparar elementos capazes de orientar e avaliar sua implantação nas escolas" (Peixoto, 1981, pp. 173-174).

Foi para contemplar esse objetivo que o convite foi feito a Helena Antipoff, já em 1927, pelo representante do governo mineiro, Alberto Álvares. Porém, nesse momento, a educadora não aceitou a proposta, e justificou sua decisão a Claparède: "estou bem aqui, satisfeita, e na verdade há apenas dois anos, desde que vim para começar o trabalho no laboratório" (H. Antipoff citado por D. Antipoff, 1975, p. 97). Ela indicou Leon Walther, também psicólogo do Instituto Jean-Jacques Rousseau, para assumir o trabalho no Brasil. Este aceita o convite e no ano seguinte já estava a serviço do governo mineiro.

Também veio ao Brasil, no início de 1929, Théodore Simon, da Universidade de Paris. Auxiliar de Binet na organização das primeiras escalas de medida de inteligência, aqui ministrou curso de Psicologia aplicada à aprendizagem e, trabalhando com as crianças mineiras, adaptou os testes de inteligência às crianças brasileiras (Peixoto, 1981).

Contando com o apoio técnico dos europeus e dos professores brasileiros formados no exterior, Francisco Campos colocou em atividade, em 1929, a Escola de Aperfeiçoamento, criada para atender o seguinte objetivo:

preparar e aperfeiçoar os candidatos ao magistério, à assistência técnica do ensino e às diretorias dos grupos escolares, constituindo-se num laboratório de pesquisas e experimentação na área de metodologia do ensino e num importante centro de irradiação dos novos métodos (Peixoto, 1981, p. 175).

Nesse momento, Leon Walther decide retornar à Europa, e quem veio substituí-lo foi Helena Antipoff, assinando um contrato de dois anos com o governo do estado de Minas Gerais, pelo qual "fica estipulado um contrato de trabalho como professora de psicologia, numa base de remuneração a um ordenado, em moeda atual, de cerca de 20.000 cruzeiros" (D. Antipoff, 1975, p. 99).

A partir da Reforma Francisco Campos podemos afirmar que as idéias endossadas por Helena Antipoff, no campo educacional, chegaram ao Brasil e, especificamente, em Minas Gerais, antes dela. Foi justamente uma convergência de princípios que motivou os dirigentes mineiros a convidá-la para atuar junto ao sistema de ensino. No Regulamento do Ensino Primário, Francisco Campos referiu-se diretamente aos resultados das pesquisas realizadas na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, e no Instituto Jean-Jacques Rousseau, na Suíça, como soluções definitivas para a educação: "o ensino primário tem sido objeto de uma larga e profunda investigação, de que alguns resultados teóricos e aquisições práticas podem ser considerados definitivos" (Campos citado por Peixoto, 1981, p. 115).



Avaliando que os dispositivos para realizar a renovação do ensino já se encontravam definidos nos documentos oficiais, consubstanciados a partir de decretos-leis, podemos inferir que, na perspectiva do governo mineiro, a atuação da educadora no cenário educacional se restringiria a endossar os fundamentos da reforma e auxiliar na implantação da mesma. Os termos do contrato que oficializou a vinda de Helena Antipoff para o Brasil confirmam essa constatação, pois a primeira cláusula determinava que a educadora realizasse a aplicação dos testes nos escolares da capital mineira e capacitasse os professores na técnica da Psicologia:

1. Madame Antipoff est engagée en qualité de professeur de psychologie, et spécialement de psychology expérimentale et de psychology de l'enfant, à l'École Normale officielle et à l'École de Perfectionnement à Belo Horizonte; elle aura également pour tâche de faire subir aux enfants des écoles primaires des épreuves psychologiques, ayant pour but l'étalonnage des tests, ainsi que de mettre au courant de la technique psychologique le personnel enseignant (Contrato, 1929, p. 1). (18)

Os termos das renovações do contrato de trabalho da educadora com o estado de Minas Gerais, em 1935 (Contrato, 1935) e 1938 (Contrato, 1938), repetem, em português, a mesma determinação.

5. As atividades de Helena Antipoff em Belo Horizonte na década de 1930: caminhos para a educação especial

O curso na Escola de Aperfeiçoamento, com duração de dois anos, funcionava em período integral e as aulas de Antipoff conjugavam a parte teórica com as atividades práticas referentes a pesquisas realizadas nas escolas públicas, cujo objetivo era conhecer "a conduta da criança, seus modos diferentes de reagir durante o trabalho escolar, ou mesmo durante o recreio" (H. Antipoff, 1928/1992c, p. 59). Era o Método de Experimentação Natural, aplicado à realidade brasileira e, com o intuito de subsidiar a implantação das classes homogêneas, previstas na Reforma de Ensino (1927), os testes de inteligência geral, inspirados na escala métrica Binet-Simon, também foram aplicados. A organização dessas classes se deu de forma semelhante às "classes paralelas" propostas por Claparède e as atividades pedagógicas seguiram os princípios da "Escola sob Medida".

As atividades realizadas por Helena Antipoff na Escola de Aperfeiçoamento e junto aos grupos escolares de Belo Horizonte e seus resultados foram publicadas nos boletins da Inspeção Geral de Instrução e constituem fonte de pesquisa sobre as ações da educadora em Minas Gerais na década de 1930 (H. Antipoff, 1930a, 1930b, 1931, 1932a, 1932b; Antipoff & Cunha, 1930; Antipoff & Resende, 1934). Foi a partir dessas atividades, mais especificamente a homogeneização das classes escolares, que Antipoff direcionou suas ações para organização de uma educação especializada no sistema de ensino mineiro.

A aplicação dos testes em larga escala, de forma sistemática para a homogeneização das classes, começou em fevereiro de 1931. Para Antipoff, agrupar as crianças em classes homogêneas significava obedecer ao princípio da organização racional do trabalho, posto em evidência por Frederick Taylor, e que, para ela, significava introduzir elementos novos, utilizando, unicamente, os próprios recursos da instituição escolar, sem acrescentar despesas. Semelhantes às classes paralelas propostas por Claparède, essas classes agrupavam as crianças de acordo com as diferenças individuais, para que fosse possível escolher os meios mais eficientes para educá-las, já que "não é a homogeneidade dos alunos que determina o seu sucesso, mas é, cremos nós, o ensino correspondendo ao



desenvolvimento das crianças" (Antipoff & Rezende, 1934, p. 07). Nesse contexto, eram consideradas as diferenças biológicas e psicológicas da criança, sua personalidade, seus interesses e aptidões, suas atividades e energias, suas faculdades intelectuais e seus conhecimentos.

O texto encaminhado por Helena Antipoff à IV Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em dezembro de 1931 (19), tratou da seleção das crianças em classes homogêneas. Ao falar dos critérios da seleção e das vantagens que dela decorriam, a educadora apresentou o conceito de criança, considerada como um ser em estado de evolução e que, portanto, a marcha evolutiva deveria orientar a seleção:

As crianças, nascidas mais ou menos na mesma época, tendo todas partido de um mesmo ponto, crescendo e tendendo ao estado adulto, realizam essa trajetória em ritmos diferentes (...). É fato digno de nota que, enquanto umas, a maioria, atingem o fim, percorrendo as etapas sucessivas, outras em minoria, jamais o atingem. Essas nunca se tornarão adultas no sentido bio-psicológico da palavra, seja porque tenham iniciado a vida com uma reserva de forças insuficiente para perfazer o caminho total, seja pelo fato de sobreviverem a acidentes no meio do caminho. Destacam-se assim em uma das extremidades da escala, crianças precoces, e em outra, lentas e retardadas, deixando ver na parte central um conjunto bastante denso de crianças cujo desenvolvimento se faz no ritmo médio (Antipoff & Rezende, 1934, pp. 11-12).

Segundo a educadora, ao lado dessas diferenças na evolução bio-psicológica existia uma grande quantidade de caracteres que deveriam ser levados em conta para distinguir "os robustos e os fracos, os bem dotados e os medíocres (...); as naturezas completas e plenas de seiva e, ao lado, os seres incompletos e pobres de vitalidade física e mental, as naturezas organizadas e harmoniosas, e as desorganizadas e sem equilíbrio" (Antipoff & Rezende, 1934, p. 12). Em síntese, existiriam as crianças normais e as "excepcionais", superdotadas ou infradotadas, e, para cada um desses perfis, deveria ser pensado um programa e método de ensino.

A justificativa para a criação das classes especiais nos grupos escolares foi que esse procedimento "descongestionaria" as classes dos elementos que "entravam a marcha escolar", permitindo aos considerados "normais" o "progresso regular". Estando agrupados, esses "elementos irregulares do ponto de vista escolar e do desenvolvimento mental, (a classe especial) assegura-lhe o máximo de rendimento" (H. Antipoff, 1932/1992e, p. 161).

No texto apresentado à ABE, em 1931, Antipoff salientou a grande variação dos tipos escolares e, para atender a todos, seria necessário, além das classes A, B, C e D, a criação da classe E "a qual tomaria menos em consideração o desenvolvimento mental e a inteligência do que o conjunto do procedimento ou do caráter" (Antipoff & Rezende, 1934, p. 19). Seria uma classe de educação individual no sentido mais estrito do termo e que agruparia um perfil específico, segundo a educadora:

As crianças particularmente difíceis de educar – os agitados, os neuróticos, os anti-sociais, as crianças moralmente defeituosas – e cuja presença na classe comum e muito cheia só prejudicaria a seus múltiplos companheiros sem



que elas mesmas possam dali retirar a necessária melhoria (Antipoff & Rezende, 1934, p. 19).

Nesse processo de separação dos alunos em diferentes tipos de classe, percebe-se uma subdivisão da categoria "excepcional". De um lado, aquelas consideradas "excepcionais" devido ao desenvolvimento mental aquém ou além do padrão estabelecido para crianças da mesma idade; e, por outro, aquelas consideradas "excepcionais" a partir da análise de sua conduta ou seu caráter. Assim, temos, "os excepcionais 'orgânicos', portadores de distúrbios de origem hereditária ou biológica, e os excepcionais 'sociais', isto é, aqueles cujas condições de vida familiar ou social impediam uma adequada estimulação" (Campos, 2002, p. 22). Quanto a esse perfil de crianças da Classe E, H. Antipoff (1932a) afirmou que não eram exceções nas escolas mineiras:

As crianças indisciplinadas, desequilibradas, que apresentam perturbações de caráter, as anti-sociais e as crianças em perigo moral não constituem raras exceções nos grupos escolares de Belo Horizonte ou do interior. Vimos bom número de fichas psicológicas dessas crianças, como tivemos pessoalmente trato com elas (p. 18).

Entretanto, mesmo tendo mencionado as classes E para o encaminhamento desse tipo de criança, Antipoff salientou que não aconselhava a nenhuma de suas alunas-professoras a sua organização, pois preferia ver essas crianças junto aos alunos normais, correndo o risco de causar problemas a estes "do que selecioná-las em classes especiais, onde a sua conduta entre as mãos de um professor inexperiente pode explodir como uma bomba de dinamite e perturbar a tranqüilidade do grupo inteiro" (H. Antipoff, 1932c, p. 18).

Para essas crianças em "perigo moral" seria preciso mais do que uma classe especial, fazendo-se necessário um "foco educativo, em que as crianças possam passar todo o seu dia e, à falta de internato, não voltar senão à noite para junto da família" (H. Antipoff, 1932c, p. 19). Helena Antipoff, continuando sua ação no sistema de ensino mineiro, passou também a se dedicar à organização de um serviço especializado para atender a essas crianças, uma vez que não era do Estado que a educadora esperava solução para o problema:

Cumprir procurar outros meios menos radicais talvez, e dependendo menos de um decreto obrigatório, mas que poderia impor-se à consciência coletiva como uma necessidade a preencher e onde a cooperação social não deixaria de ser mais eficiente (H. Antipoff, 1932c, 21).

Seguindo esse espírito, foi fundada, em novembro 1932, por iniciativa de Helena Antipoff, a Sociedade Pestalozzi, sendo a educadora sua primeira presidente.

5.1 Da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais para a Educação dos "excepcionais" no Brasil

De acordo com o estatuto, a Sociedade Pestalozzi tinha por objetivo "proteger infância anormal e preservar a sociedade e a raça das influências nocivas da anormalidade mental" (Sociedade Pestalozzi, 1933, p. 3). Era considerado "anormal" aquele que:

Devido a uma condição hereditária, ou acidentes mórbidos ocorridos na infância, não pode, por falta de inteligência, ou distúrbios de caráter, adaptar-se à vida social com os recursos comuns ministrados só pela família, ou pela escola pública



primária, suficientes para a maioria das crianças da mesma idade (p. 3).

A proteção consistia em fornecer a essas crianças "meios para o melhoramento de seu estado mental, moral e social, de sorte que, na idade adulta, pese ela o menos possível à sociedade" (Sociedade Pestalozzi, 1933, p. 3-4). A Sociedade Pestalozzi auxiliou os alunos e os professores das classes especiais dos grupos escolares, organizou o Consultório Médico Pedagógico, que realizou pesquisas, divulgou noções teóricas e práticas sobre a infância "excepcional", e buscou criar instituições para atender às crianças consideradas "excepcionais". Em Minas Gerais, a Sociedade criou o Pavilhão de Natal (1934), o Instituto Pestalozzi (1935) e a Escola Granja, na cidade de Ibité, ponto de partida para o Complexo Educacional da Fazenda do Rosário (1940) (Rafante, 2006; Rafante & Lopes, 2009). A criação desse tipo de instituição estava prevista no estatuto da Sociedade.

Em 1944, Helena Antipoff foi convidada pelo governo brasileiro a atuar no Departamento Nacional da Criança (20), no Rio de Janeiro, onde ampliou seu universo relacional e criou a Sociedade Pestalozzi do Brasil (1945) e a Sociedade Pestalozzi do Estado do Rio de Janeiro (1948), localizada em Niterói. A transferência de Antipoff para o Rio de Janeiro não prejudicou as atividades já iniciadas em Minas Gerais. Pelo contrário, nesse período em que Helena Antipoff era funcionária do Departamento Nacional da Criança, as atividades do Instituto Pestalozzi e da Fazenda do Rosário continuaram em pleno funcionamento, administradas pelos colaboradores dessas obras, que continuavam contando com o apoio técnico de Antipoff, por meio de visitas e atividades patrocinadas pelo órgão ao qual ela prestava serviço.

Além da questão técnica, o Departamento Nacional da Criança forneceu verbas necessárias para a construção do pavilhão central na Fazenda do Rosário, que teve início em 1944, onde se instalou, a partir de 1946, a residência dos professores, o internato das crianças desamparadas, o refeitório, a cozinha, a biblioteca e as salas de aula da escola primária. Por ocasião da inauguração do novo prédio, Antipoff foi designada pelo Departamento para permanecer oito dias em Belo Horizonte e realizar os seguintes serviços: "representar o Departamento Nacional da Criança, na inauguração do novo pavilhão da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e realizar junto às autoridades competentes, estudos preliminares para a execução do inquérito sobre a maturidade nos adolescentes" (Costa, 1946, p. 1).

Mais verbas do Departamento foram destinadas à Fazenda do Rosário para a construção do Centro de Puericultura, inaugurado em 23 de setembro de 1952, por ocasião da 6ª Jornada de Pediatria e Puericultura e do II Seminário sobre Infância Excepcional, organizado pelas Sociedades Pestalozzi. O objetivo do centro era atender a população rural, as escolas rurais, a infância e a maternidade, orientando as mães na criação e educação dos filhos; realizar pesquisas sobre a natalidade e a mortalidade infantil, doenças infantis e seu tratamento; promover concursos de alimentação sadia, campanhas de merenda escolar. Os ensinamentos de puericultura eram passados por meio de palestras, de aulas práticas, reuniões com mães, noivos, sessões de filmes educativos. As medidas práticas consistiam em vacinação preventiva, exames médicos, pesagem periódica, fornecimento de leite e alguns medicamentos e tratamentos aos necessitados (Centro Rural de Puericultura, 1952, p. 184-185).

A articulação das instituições, principalmente as Sociedades Pestalozzi de Minas Gerais, do Brasil e do Rio de Janeiro, permitiu a realização dos primeiros seminários sobre a infância "excepcional" no Brasil, que ocorreram em 1951, 1952, 1953, 1955 e se constituíram em importante meio de discussão sobre as questões relacionadas à educação dos "excepcionais" (Rafante & Lopes, 2011, maio). Lemos (1981) referiu-se aos seminários como um "verdadeiro painel de Educação Especial para a comunidade brasileira, aportando os aspectos fundamentais para a educação e o atendimento dos excepcionais" (p. 53). Em decorrência desses seminários, foram



criadas em 1951, a Sociedade Pestalozzi de São Paulo e, em 1954, a Sociedade Pestalozzi de Goiás e, ao longo das décadas de 1950 e 1960, outras congêneres foram sendo criadas pelo país até que, em 1971, foi organizada a Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi [FENASP].

Ao final da década de 1950 e começo dos anos de 1960, o governo federal iniciou as campanhas em favor da educação dos deficientes. Essas campanhas faziam parte de um movimento maior, que se "consubstanciou nas chamadas Campanhas Nacionais que pretendiam dar encaminhamento às grandes questões sociais como a alfabetização e as endemias" (Bueno, 2004, p. 121). Com relação à educação dos "excepcionais", as campanhas começaram em 1957, com a Campanha da Educação do Surdo Brasileiro [CESB], sugerida pela direção do Instituto Nacional de Educação do Surdo. Em 1958, foi instituída a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais [CNERDV], por iniciativa de um professor do Instituto Benjamin Constant, José Espínola Veiga e, em 1960, foi instalada a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficientes Mentais [CADEME], sob a influência das Sociedades Pestalozzi e das Apaes (Lemos, 1981), sendo que Helena Antipoff compôs a primeira direção da CADEME.

Em setembro de 1970, Sarah Couto César, pertencente ao quadro de profissionais da Sociedade Pestalozzi do Brasil, assumiu a direção executiva da CADEME, sucedendo o coronel José Maes Borba, que estava no cargo desde 1967. Helena Antipoff mantinha a sua colaboração com o órgão. Segundo César (1992):

Desde o início de nosso trabalho à frente da CADEME, tivemos em D. Helena a nossa *grande inspiradora e colaboradora na elaboração* dos projetos e programas desenvolvidos. Eram freqüentes as nossas visitas à Fazenda do Rosário, onde éramos recebidas por D. Helena e sua fiel colaboradora Yolanda Martins e Silva, onde recebíamos as lições da grande Mestre (p. 47, grifos da autora).

Com o auxílio de Antipoff, em 1971, a CADEME promoveu, no então estado da Guanabara, o primeiro seminário sobre a preparação do pessoal especializado na esfera oficial. Salientamos que, desde a década de 1930, a Sociedade Pestalozzi já empreendia essa formação. Durante o seminário, Sarah Couto César informou que pôde obter "um retrato fiel da época, referente às pessoas que estavam levando à frente a educação de deficientes mentais e curiosamente a grande maioria desses professores eram egressos dos cursos e estágios proporcionados por D. Helena Antipoff" (César, 1992, p. 47). Na década de 1970, foi criado, no Brasil, o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) e, de acordo com Jannuzzi (2004), permanecia os conceitos elaborados por Helena Antipoff nas diretrizes desse órgão. Segundo a autora, "ainda repercutia o conceito de deficiência de Antipoff, expresso nas diretrizes do CENESP" (p. 131).

Apontamentos Finais

Sobre Helena Antipoff, em síntese, uma mulher à frente do seu tempo, imbuída de um dinamismo e uma coragem incomuns, com um interesse profundo pela ciência, que se manifestou muito cedo e que, voltando-se para a psicologia e para a educação, atravessou fronteiras e dedicou a sua vida a esses campos, fazendo um elo entre eles, uma vez que, para a educadora, a pedagogia não se fazia sem a psicologia.

Vivenciando o cenário de renovação educacional, que também chegou ao Brasil, foi convidada para atuar junto à reforma do ensino do estado de Minas Gerais. Tal reforma explicitou a penetração dos princípios da Escola Nova e a oficialização da psicologia e da biologia na proposta oficial de mudança educacional, sob a égide da necessidade de se atender aos imperativos da ciência, racionalizando as ações no



sistema de ensino, com a homogeneização das classes e o atendimento aos alunos de acordo com suas aptidões naturais. Nesse momento, principalmente os princípios da "Escola Sob Medida", de Claparède, o método de "Experimentação Natural", de Lazursky, e os testes de inteligência, elaborados por Binet e Simon, fundamentaram sua prática.

Foi a partir dessa atuação junto ao sistema de ensino mineiro, que Antipoff direcionou suas ações para o atendimento e educação das crianças e jovens considerados "excepcionais" de Minas Gerais, onde buscou organizar o atendimento especializado a partir da Sociedade Pestalozzi. A partir daí, suas ações se expandiram para a capital do país, na época o Rio de Janeiro, e Antipoff continuou a mobilização para a organização de uma educação especializada. Nesse sentido, organizou seminários para o debate da questão, participou de comissões oficiais relacionadas ao tema, ofereceu, a partir das Sociedades Pestalozzi, além do atendimento especializado, a formação de profissionais para atuar nessa área. No período anterior à organização oficial da Educação Especial no Brasil, que começou com as Campanhas Educativas no final da década de 1950 e início dos anos de 1960, foi a iniciativa privada que esteve à frente dessa educação e Helena Antipoff, junto às Sociedade Pestalozzi e seus colaboradores, se destacou no desenvolvimento desse campo no país.

Referências

- Antipoff, D. I. (1975). *Helena Antipoff: sua vida, sua obra*. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- Antipoff, H & Resende, N. (1934). *Ortopedia mental nas classes especiais*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 14).
- Antipoff, H. & Cunha, M. L. A. (1932). *Test prime*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 10).
- Antipoff, H. (1930a). *Ideias e interesses das crianças de Bello Horizonte e algumas sugestões pedagógicas*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 6).
- Antipoff, H. (1930b). *O desenvolvimento mental das crianças de Bello Horizonte segundo alguns testes de inteligência geral*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 7).
- Antipoff, H. (1931). A organização das classes especiais C e D. *Revista do Ensino*, 56-58, 24-52.
- Antipoff, H. (1932a). *Organização das classes dos grupos escolares de Bello Horizonte e o controle dos testes*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 8).
- Antipoff, H. (1932b). *Monografia de uma classe escolar de Belo Horizonte: estudo escolológico de 1931*. Belo Horizonte: Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. (Boletim n. 9).
- Antipoff, H. (1932c) O escotismo: perspectivas. *Revista do Ensino*, 77, 09-23.
- Antipoff, H. (1992a). O nível mental das crianças russas nas escolas infantis. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de*



obras escritas de Helena Antipoff: psicologia experimental (Vol. 1, pp. 9-10). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1924).

Antipoff, H. (1992b). A experimentação natural: método psicológico de Lazursky. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: psicologia experimental* (Vol. 1, pp. 29-41). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1927).

Antipoff, H. (1992c). Testes coletivos de inteligência global. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: psicologia experimental* (Vol. 1, pp. 43-50). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1928).

Antipoff, H. (1992d). O desenvolvimento mental das crianças de Belo Horizonte. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: psicologia experimental* (Vol. 1, pp. 73-129). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1931).

Antipoff, H. (1992e). A pedagogia das classes especiais C. D. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: psicologia experimental* (Vol. 1, pp. 157-185). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1932).

Antipoff, H. (1992f). Experimentação natural I. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: educação do excepcional* (Vol. 3, pp. 161-168). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1950).

Antipoff, H. (1992g). Experimentação natural II. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea de obras escritas de Helena Antipoff: educação do excepcional* (Vol. 3, pp. 169-174). Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas. (Original publicado em 1950).

Bloch, M. (2002). *Apologia da história ou o ofício do historiador* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1944, publicação póstuma em 1949).

Bueno, J. G. S. (2004). *Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente* (2ª ed.). São Paulo: Educ. (Original publicado em 1993).

Campos, R. H. F. (1995). Os primeiros passos da educação popular. *Presença Pedagógica*, 3, 56-73.

Campos, R. H. F. (2010a). *Helena Antipoff*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

Campos, R. H. F. (2010b) *Helena Antipoff (1892-1974) e a perspectiva sociocultural em psicologia e educação*. Tese de Concurso para Professor Titular, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Campos, R. H. F. (Org.). (2002). *Helena Antipoff: textos escolhidos*. Belo Horizonte: Autêntica.



- Centro Rural de Puericultura, Fazenda do Rosário, Ibirité, Minas Gerais (1952). *Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil*, 8(25), 184-185.
- César, S. C. (1992). Da CADEME ao CENESP: 13 anos de conquistas na educação especial no Brasil. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Anais do I Congresso brasileiro sobre a experiência antipoffiana na educação* (pp. 46-47). Belo Horizonte: CDPHA.
- Claparède, E. (1953). *A escola sob medida e estudos complementares sobre Claparède e sua doutrina por Jean Piaget, Louis Meylan e Pierre Bovet* (M. L. E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. (Original publicado em 1921).
- Contrato entre o Governo do Estado de Minas Gerais e Helena Antipoff [Mimeo] (1929). (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG).
- Contrato entre o Governo do Estado de Minas Gerais e Helena Antipoff [Mimeo] (1935). (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG).
- Contrato entre o Governo do Estado de Minas Gerais e Helena Antipoff [Mimeo] (1938). (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG).
- Costa, F. (1956). Apresentação. Em Departamento Nacional da Criança (Org.). *O Centro de Orientação Juvenil (1946-1956)* (pp. I-V). Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.
- Crouzet, M. (1958). *A época contemporânea: história geral das civilizações* (Vol. 15). (P. M. Campos, Trad.). São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Original publicado em 1957).
- Instituto Jean-Jacques Rousseau (1914). *Diplôme* [Mimeo]. Ibirité, MG: Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff.
- Jannuzzi, G. M. (2004). *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção Educação Contemporânea).
- Le Conseiller D'état. Departement de L'instrucion Publique (1926). *Ofício* [Mimeo]. (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG).
- Le Conseiller D'état. Departement de L'instrucion Publique (1928). *Ofício* [Mimeo]. (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibirité, MG).
- Lemos, E. R. (1981). *A educação de excepcionais: evolução histórica e desenvolvimento no Brasil*. Tese de Livre-Docência, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Marrou, H. (1978). *Sobre o conhecimento histórico* (R. C. Lacerda, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1954).



- Nagle, J. (1974). *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU.
- Netto, A. (1941). *Código de menores: doutrina, legislação e jurisprudência*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Peixoto, A. C. (1981). *A reforma educacional Francisco Campos: Minas Gerais – Governo Presidente Antônio Carlos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". Em O. M. V. Simson (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil* (pp. 14-43). São Paulo: Vértice.
- Rafante, H. C. & Lopes, R. E. (2009). Helena Antipoff e a educação dos excepcionais: uma análise do trabalho como princípio educativo. *Histedbr on-line*, 33, 1-24.
- Rafante, H. C. & Lopes, R. E. (2011, maio). *Os seminários sobre a infância excepcional e as propostas para a educação especial no Brasil na década de 1950*. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro de História da Educação, Vitória, Brasil.
- Rafante, H. C. (2006) *Helena Antipoff e o ensino na capital mineira: a Fazenda do Rosário e a educação pelo trabalho dos meninos "excepcionais" de 1940 a 1948*. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (1933). *Estatutos* [Mimeo]. (Disponível no Centro de Documentação da Fundação Helena Antipoff em Ibitiré, MG).
- Warde, M. J. (1990). Contribuições da história para a educação. *Em Aberto*, 9(47), 3-11.

Notas

- (1) Este texto é parte da pesquisa de doutorado em andamento, "*Helena Antipoff, a Sociedade Pestalozzi e a Educação Especial no Brasil*", desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, contando com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Parte deste texto foi apresentado na disciplina História da Psicologia e dos Saberes Psicológicos e a Cultura, ministrada pela Profa. Dra. Marina Massimi, no primeiro semestre de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo.
- (2) Nossos agradecimentos à Olinda Terezinha da Silva Caetano e Patrícia Saragony, que nos auxiliaram na pesquisa.
- (3) Agradecemos à coordenadora Regina Helena Freitas Campos e às pesquisadoras Lilian Nassif e Rita Vieira, que viabilizaram nosso acesso ao acervo.
- (4) "Quando lhe perguntaram se ela se sentia brasileira ou russa, responde que antes de tudo era uma mulher do mundo" (D. Antipoff, 1975, p. 175).
- (5) Devemos considerar o fato de que ela era "muito reservada sobre seu passado e sua intimidade, costuma desviar o assunto, quando alguém a interpela a respeito". Ao ser indagada pela neta acerca de quando iria escrever sobre sua vida responde: "Escrever, para quê? Com que intenção me pede isso? Pela simples curiosidade de encontrar alguma situação insólita? Interessa-lhe saber de possíveis aventuras minhas? Deseja conhecer-me para tirar experiência para você mesma?"



Deveria eu selecionar o material que possa servir de estímulo moral? Ao contrário, revelar algo nada moral, mas que possa ser superado e como? Realmente a tarefa é dura e provavelmente precisaria dedicar mais tempo e esforço" (D. Antipoff, 1975, pp. 174-175).

(6) "Conselho de operários e soldados que se multiplicavam no império russo, até mesmo nas pequenas aldeias" (Crouzet, 1958, p. 226).

(7) "Os bolcheviques, liderados por Lênin, constituíram uma facção do Partido Operário Social Democrata Russo e defendiam a idéia da implantação do socialismo, por meio de uma revolução armada" (Crouzet, 1958, p. 227).

(8) "Instituto J. J. Rousseau. Escola de Ciência da Educação. Senhora Helena Antipoff da Rússia esteve matriculada no Instituto Jean-Jacques Rousseau como aluna regular por quatro semestres. Ela acompanhou os cursos e participou ativamente das atividades práticas que compõem o currículo. Ela demonstrou que aproveitou plenamente desse ensino (Genebra, 15 de julho, 1914)". (Instituto Jean-Jacques Rousseau, 1914, s. p.).

(9) "A aptidão para o desenho implica certa habilidade motriz, estimativas de tamanhos, memória visual, senso estético etc.; a aptidão literária exige memória verbal, imaginação, juízo crítico etc." (Claparède, 1953, p. 167).

(10) "A grande guerra, as epidemias, a fome, a revolução (...) formou um grupo considerável de indivíduos, menores, sem família, sem domicílio, sem ocupação determinada (...). A proporção dessas crianças abandonadas foi tal que o governo russo teve de organizar postos para albergar esses bandos de nômades" (H. Antipoff, 1931/1992d, p. 77).

(11) "Senhora, tenho a honra de transmitir-lhe - incluindo uma cópia do ofício pelo qual o Conselho de Estado decide nomeá-la assistente do laboratório de psicologia da universidade. Aceite, senhora, a expressão da minha mais elevada consideração". (Genebra, 07 de janeiro, 1926)". (Le Conseiller D'état, 1926, s. p.).

(12) "Senhora, tenho a honra de informar que em notificação da Faculdade de Ciências o departamento a encarrega, para o ano letivo de 1928-1929, da substituição parcial do professor Edouard Claparède. Entende-se que você vai assumir a direção do laboratório. Seu pagamento será feito de acordo com as condições que o Sr. Claparède acertou com você e comunicou ao Departamento. Aceite, senhora, a expressão da minha mais elevada consideração. (Genebra, 31 de outubro, 1928)". (Le Conseiller D'état, 1928, s. p.).

(13) De acordo com o que nos apresenta Helena Antipoff, destacamos alguns caracteres que eram observados na conduta da criança diante do trabalho: "interesse pelo trabalho, preocupação com a exatidão e com a ordem, perseverança, esforço voluntário, resistência à fadiga, independência, sociabilidade, honestidade, entre outros" (H. Antipoff, 1950/1992g, p. 169).

(14) Além da Reforma do Ensino em Minas Gerais, em 1927, Francisco Campos foi autor da Reforma de Ensino em âmbito nacional, em 1931. Salientamos que, neste capítulo, quando denominamos Reforma Francisco Campos, referimo-nos à reforma mineira, de 1927.

(15) A ausência de uma política nacional de educação é um problema que não pôde ser solucionado no período da Primeira República, sob o argumento de que qualquer esforço nesse sentido feria os princípios federativos previstos na constituição (Nagle, 1974, p. 283).

(16) "Órgão responsável pela educação na época, já que não existia um organismo específico para cuidar das questões educacionais" (Peixoto, 1981, p. 08).

(17) Os professores mineiros participaram de cursos, seminários, conferências e atividades de observação no Teacher's College, da Universidade Columbia (Peixoto, 1981).

(18) "Senhora Antipoff está contratada como professora de psicologia e, especialmente, de psicologia experimental e de psicologia da criança, na Escola Normal Oficial e na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Ela também será



responsável pela tarefa de submeter as crianças das escolas primárias aos testes psicológicos, com o objetivo de padronizar os testes, assim como apresentar os conhecimentos da técnica psicológica aos professores" (Contrato, 1929, p. 1).

(19) Esse texto apresentado na IV Conferência Nacional de Educação, foi publicado pela Inspeção Geral da Instrução em seu Boletim nº. 14, em 1934, sob o título *Ortopedia Mental nas Classes Especiais* (Antipoff & Rezende, 1934). Foi por meio dessa publicação que tivemos acesso à contribuição de Antipoff à referida conferência.

(20) "Supremo órgão de coordenação de todas as atividades nacionais de proteção à maternidade, à infância e à adolescência" (Decreto n. 2.024 citado por Netto, 1941, p. 29).

Notas sobre as autoras

Heulalia Charalo Rafante – Historiadora pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutoranda em Educação pela UFSCar. Integrante do Grupo de Pesquisa *Terapia Ocupacional e Educação no Campo Social* – CNPq e do Núcleo UFSCar do HISTEDBR – História, Sociedade e Educação no Brasil. Bolsista CNPq. Participa do Grupo de Estudos em Psicologia e em Ciências Humanas: história e memória, do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. E-mail: heulaliarafante@yahoo.com.br

Roseli Esquerdo Lopes – Terapeuta Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP), Especialista em Saúde Pública pela USP, Mestre em Educação pela UFSCar e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada do Departamento de Terapia Ocupacional e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Terapia Ocupacional da UFSCar. Integrante do Núcleo UFSCar do HISTEDBR – História, Sociedade e Educação no Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Terapia Ocupacional e Educação no Campo Social* – CNPq. E-mail: relopes@ufscar.br

Data de recebimento: 18/10/2010

Data de aceite: 10/03/2011